



Em matéria de saúde, também não são boas as condições do Brasil

Acrísio Henriques de Mendonça Júnior

A desindexação (palavra quase impronunciável na boca de empresários e políticos que ousam tocar no assunto) está, atualmente, muito em moda. E parece, segundo o significado que lhe quer dar o *economês* que se fala no país no momento, que se trata de retirar certos *índices* incômodos dos parâmetros que norteiam a economia nacional de uns anos para cá.

Ora, de índices também se valem sanitaristas e pesquisadores para avaliar as condições de saúde do povo. E aqui também existem os bons índices (que gostaríamos de exibir à comunidade internacional com orgulho) e os maus índices (que, por similitude, deveriam ser expurgados para não comprometer nossa imagem sanitária lá fora).

Por exemplo, os índices revelados durante a última vacinação contra a poliomielite são deveras animadores. Foram imunizadas quase 20 milhões de crianças com menos de cinco anos, que correspondem a 1/6 da população do país, melhorando sensivelmente as perspectivas quanto aos males causados por esta terrível doença e fazendo prever para breve sua extinção em nosso meio. Basta lembrar que, há cerca de cinco anos, quando a vacinação em massa foi instituída, eram mais de 6 mil casos por ano registrados no País, enquanto que, no ano passado, foram catalogados menos de 50. São dados animadores para um país de gente jovem (aproximadamente 55% da população têm menos de 18 anos), sobretudo se lembrarmos o fantasma que a poliomielite sempre foi, por tratar-se de doença que, quando não levava ao êxito letal, deixava marcas contundentes (principalmente deficiências físicas) naqueles que contraíam a moléstia.

Por analogia com o que se faz na economia, se fôssemos *indexar* apenas dados promissores — como os da poliomielite — aos parâmetros de saúde da população, seríamos forçados a considerar que o Brasil é um país onde a saúde do povo vai muito bem.

Entretanto, não é bem assim! Por outro lado, para ficarmos apenas na desnutrição, infecções entéricas e verminose, somos forçados a reconhecer que milhares de crianças ainda morrem por ano em decorrência dessas moléstias, aumentando assustadoramente os índices de mortalidade infantil e o percentual de evasão nas primeiras séries das escolas de 1º grau. E vejam que não estamos falando na doença de Chagas, na malária,

na esquistossomose, na tuberculose e na hanseníase, cuja incidência (índice de número de casos novos aparecidos num período) e taxa de mortalidade (índice de mortes causadas por estas doenças em grupos da população) ainda são muito grandes no país.

No princípio da década de 60, os países da América Latina, reunidos em Punta del Este, editaram um Plano Decenal de Saúde Pública, no qual as grandes metas a serem atingidas até início da década de 70 eram as seguintes:

- a) aumentar, no mínimo de cinco anos, a expectativa de vida ao nascer;
- b) aumentar a capacidade do indivíduo para aprender e produzir;
- c) melhorar a saúde individual e coletiva.

Se consultarmos nossos índices (na verdade, pouco precisos) sobre o assunto, veremos que estamos longe de atingirmos níveis satisfatórios nesta área, embora já estejamos no início da década de 80.

A Revista *Veja* (nº 765, de 04.05.83) publicou uma Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada em 1981 pelo IBGE, revelando que, embora a pobreza esteja diminuindo (ainda muito timidamente), as condições de saúde de nossa população são bastante sombrias.

Enfim, todos estes "índices" disponíveis mostram que a saúde da população é ainda precária, mesmo se tomarmos em conta dados animadores como os da poliomielite que acabam pesando pouco em comparação com os dados de nossas deficiências sanitárias.

Ficamos torcendo (afinal, não podemos fazer muito mais) para que os tecnocratas não invadam também a área de saúde e resolvam fazer também aqui uma "desindexação" dos índices indesejáveis, escondendo o Brasil real e fazendo emergir um Brasil artificial (bom de ser mostrado em Paris, Londres e Nova York), que pareça muito bem de saúde, quando, na verdade, está precisando de uma terapêutica intensiva e de emergência.

Acrísio Henriques de Mendonça Júnior, médico, é professor-adjunto da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mineiro, 55 anos, mora em Juiz de Fora.